

“Lapa — Reminiscências e Pensamentos”

VITTORIO CORINALDI

De Israel - Especial para o “Caderno Cultural”

Quase 50 anos já se passaram desde o “lendário” Seminário da Lapa — aquela reunião de jovens militantes do movimento “DROR” de São Paulo, que foi para muitos um marco profundo em suas vidas: na ocasião, em decisão coletiva e em ato bastante corajoso quando visto através do prisma da “boa rotina burguesa”, eles abandonaram os estudos universitários, que eram praticamente hábito pacífico em quase todas as famílias judaicas, para se dedicarem integralmente à atividade do movimento, que deveria culminar na “Aliá” e no estabelecimento de kibutzim em Israel.

Quis o destino que eu — então um “calouro” da Faculdade de Arquitetura — fosse indicado (junto com mais dois companheiros) como exceção a esta regra, para continuar os estudos — sem com isto me subtrair às atividades gerais e às metas do movimento.

Não poucas vezes me perguntei, o que foi que levou os “cháverim” a me incluir neste pequeno grupo de “privilegiados”: pois que sinais podiam eles ter discernido em mim, de uma inclinação particularmente forte para a atividade de arquiteto?

Ou teria sido sua decisão influenciada por minha posição relativamente de 2º nos quadros dos

dirigentes do movimento? Ou ainda, teria agido sobre eles a convicção de que a meu respeito havia um certo coeficiente de certeza quanto às probabilidades de continuação no caminho sionista? Afinal eu vinha de um ambiente familiar declaradamente sionista, e mais de um fator deixava entender que no meu caso o ideal se prolongaria na concretização da “Aliá”.

Seja como for, a verdade é que — mesmo com a nebulosidade de conceitos, próprio de um adolescente, e demasiadamente tímido para revelá-lo abertamente diante de uma austera assembléia como a do Seminário, já então eu sentia uma forte atração pelos aspectos da arte do mundo visual e do meio ambiente. E num olhar retrospectivo, não posso me imaginar senão como arquiteto. E abençoado aquele momento, em que os companheiros me encaminharam sobre uma trilha em que ideais e profissão se entrelaçaram numa síntese orgânica, traduzindo-se numa carreira profissional “sui-generis”, voltada para a expressão física e construída de uma sociedade inteiramente nova e diferente — o KIBUTZ.

Que esta experiência humana absolutamente inédita tenha subornado às pressões dissolventes



de um mundo dominado pela ilusão do milagre capitalista, é talvez uma das manifestações mais tristes que minha geração — criada à luz de acontecimentos históricos empolgantes — presenciou.

E para quem como eu havia assumido com uma identificação tão completa, ao mesmo tempo a idéia kibutziana; o contato e a admiração com o novo tipo de homem judeu, mais verdadeiro e mais essencial; e a aspiração à criação de uma realidade física planejada para este novo homem e esta nova sociedade — a perda simultânea de todos estes valores significa uma crise sem dúvida mais complexa do que a inevitável metamorfose decorrente de um processo biológico.

Inútil buscar explicação ou "consolo" no conceito de inevitabilidade dos processos históricos: o fato é que hoje Israel se encontra despojada de uma de suas nítidas características humanas, saturada por explosão construtiva irrespeitosa de qualquer qualidade ecológica e ambiental; e assolada por um espírito imitativo da realidade e da filosofia americana como critério de julgamento prático e teórico em todos os planos. E com visível desplante, a jovem classe dos dirigentes financeiros e administradores de empresa quer se apresentar como a mo-

derna versão do "chalutz" — o pioneiro que tornou possível, com sua ilimitada dedicação e humildade, o desenvolvimento de Israel como país hoje à soleira da porta do 1º Mundo.

Sobre este fundo, haverá quem encare aqueles passos da "LAPA" como um romântico ou quixotesco gesto de um grupo de jovens "esquentados".

Mas a verdade é que não só se tratou de uma decisão que colocou o judaísmo brasileiro "no mapa" da realização sionista, outorgando-lhe uma medida de fundamento moral — como também que abriu para cada um dos participantes (e não importa se eles continuaram no caminho da Aliá ou se afastaram para outros sentidos) horizontes de cultura e de humanidade que transformaram cada um deles num intérprete expressivo de uma visão de mundo ampla, profunda e criativa. E aqueles dentre eles que efetivamente se encaminharam na estrada da realização sionista, são provavelmente também os que mais deploram no fundo de sua alma o aparente esvanecimento de sua clara trajetória.

Mas a história nos ensina que lentamente os atos de convicção e de fé penetram na consciência coletiva, e se transformam em conquistas do espírito. ■

Israel/1997